

Linguagem e cultura: a variação da lexia *bilro* na linguagem das rendeiras do município de Raposa, Maranhão

Language and culture: the variation of *bilro* in the language of lace makers in Raposa, Maranhão

Lenguaje y cultura: la variación de la lexia *bilro* en el lenguaje de las encajeras del municipio de Raposa, Maranhão

Raquel Pires Costa

RESUMO

Em pesquisa realizada no Doutorado, a tese intitulada “RENDAS, REDES E LENDAS: o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão”¹, teve como objetivo descrever e analisar o vocabulário das rendeiras de Raposa, município localizado a aproximadamente 28 km da capital do Estado, São Luís. Sua formação deu-se pela migração de famílias de pescadores que deixaram sua terra natal, Acaraú, Ceará, na década de 50 devido a uma violenta seca. Nessa migração, as mulheres levaram consigo a bela tradição da renda de bilro, ofício que continua presente entre elas até os dias de hoje. Na pesquisa, após as consultas a dicionários dos séculos XVIII a XX, foram realizadas análises qualitativa e quantitativa, que demonstraram a existência de um vocabulário peculiar, revelando a estreita relação entre língua e cultura. Apresentaremos nesse trabalho um recorte desse estudo - uma comparação entre o léxico das diferentes gerações de rendeiras, apontando semelhanças e especificidades, com atenção especial à variação da lexia bilro.

Palavras-chave: Léxico. Cultura. Linguística. Rendeiras. Raposa. Maranhão

ABSTRACT

In a research carried out at the Doctorate, the thesis entitled intitulada “RENDAS, REDES E LENDAS: o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão”, aimed to

¹ Tese de Doutorado defendida em 2016, no programa de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN / UFMG), sob orientação da professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

describe and analyze the vocabulary of lace makers in Raposa, city located approximately 28 km from the capital of State, São Luís. Its formation was due to the migration of fishing families that left their homeland, Acaraú, Ceará, in the 50's due to a violent drought. In this migration, women took with them the beautiful tradition of bobbin lace, a craft that is still present among them until today. In the research, after consultations with dictionaries from the 18th to the 20th centuries, qualitative and quantitative analyzes were performed, which demonstrated the existence of a peculiar vocabulary, revealing the close relationship between language and culture. We will present in this work an excerpt of this study - a comparison between the lexicon of the different generations of lace makers, pointing out similarities and specificities, with special attention to the variation of the lexia *bilro*.

Keywords: Lexicon. Culture. Linguistics. Lacemakers. Raposa. Maranhão

INTRODUÇÃO

Em pesquisa realizada no Doutorado (COSTA, 2016), realizamos um estudo de cunho léxico-cultural com as rendeiras do município de Raposa, Maranhão, com o objetivo de descrever e analisar o seu vocabulário. Entre as hipóteses levantadas, constavam haver casos de manutenção linguística (supúnhamos que as mais jovens pudessem manter parte do acervo lexical das rendeiras mais velhas) e haver diferenças significativas entre a linguagem das rendeiras mais jovens e as de maior faixa etária, no que se refere ao vocabulário utilizado para se referir à renda.

Por meio da língua, o homem recria a realidade, interpretando-a e repassando-a aos demais. Aprisionado às suas estruturas, obediente às regras que lhe garantem a intercomunicação, preserva, inconscientemente, formas tradicionais, mas, sensível às modificações que se operam a sua volta, nela imprime suas marcas, renovando-a a cada apelo externo.

No caso do vocabulário de uma atividade profissional, como o da renda, apesar de certamente haver pontos comuns entre todas as comunidades rendeiras, que se refletem em traços em comum no vocabulário inerente ao âmbito social/corporativo em que é utilizado, há, por outro lado, um contexto específico a cada uma das comunidades.

A rendeira tem de se adaptar ao meio em que atua, empregando uma determinada técnica em função das características locais, o que se reflete na variedade lexical (e por extensão, sua riqueza).

A uniformidade do “fazer renda”, observada em determinadas regiões do Brasil, não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências. Se a fala das rendeiras se constitui em memória de um passado, também retrata, entre outros aspectos, a modernização dos meios de produção, o avassalador movimento de unificação cultural. Isso porque, hoje, a renda não mais é uma atividade essencialmente passada de mãe para filha, mas funciona também como um meio de sobrevivência para as gerações mais jovens.

O recorte do estudo realizado em nível de doutorado a ser apresentado nesse trabalho - uma comparação entre o léxico das diferentes gerações de rendeiras, apontando semelhanças e especificidades, com atenção especial à variação da lexia bilro poderá subsidiar estudos antropolinguísticos futuros, dada a sua importância em razão de retratar fatos específicos da linguagem de um grupo social, fornecendo valioso material para o estudo do português falado no Brasil.

1. LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

1.1 Língua e Sociedade

Toda a sociedade se comunica por meio de alguma linguagem: A história da humanidade e a história da linguagem se confundem, pois, desde os primórdios, o homem se expressa utilizando sons, gestos, desenhos, até se comunicar também por meio da fala e depois pela escrita. A linguagem faz existir o mundo, organiza-o como mundo histórico, sendo assim indissociável do elemento social. A língua, por se constituir uma instituição social, serve para veicular cultura, mediar a interação entre os membros de uma comunidade, retratar o pensamento de determinada época, fornecendo elementos para a leitura da sociedade.

No âmbito dos estudos linguísticos, foi a partir do século XX, com os estudos de Ferdinand de Saussure (1916/1970) que essa relação linguagem-sociedade passou a ser mais valorizada. Saussure caracteriza a língua como um produto social da faculdade da linguagem no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.

Ao definir a língua como um fato social, produzido pela coletividade de falantes, Saussure traz à tona a questão do seu caráter coletivo. Contudo, ao concebê-la como um sistema uniforme e buscar elaborar um modelo abstrato da língua, onde nenhum indivíduo é possuidor da mesma, pois essa é elaborada pela comunidade e somente nela é uma

instituição social, Saussure deixa de lado o seu uso, ou seja, as condições extralinguísticas nas quais se produzem os atos de fala.

A língua não é vista então, por Saussure, como um organismo vivo, mas como um fenômeno social que deve ser compreendido a partir de seu papel no grupo. Essa atitude marcou a Linguística da maior parte do século XX – a Linguística Estrutural.

Segundo Calvet (2002, p. 17), é Meillet, discípulo e contemporâneo de Saussure, quem confere um conteúdo mais preciso a noção de fato social:

Uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior a soma desses indivíduos, ela é contudo, por sua generalidade, exterior a eles [...] as características de exterioridade ao indivíduo e de coerção pelas quais Drukheim define o fato social aparecem na linguagem como evidência última.

Para Calvet (2002), Meillet une, na sua concepção de língua, tanto o aspecto coletivo enfatizado por Saussure quanto a ideia de realidade social desenvolvida por Durkheim em sua interpretação da sociedade.

Bright (1966 *apud* LABOV, 2008) define como objeto de estudo da Sociolinguística a variedade linguística e determina uma série de fatores a ela relacionados: a identidade social do falante, a identidade social do ouvinte, o contexto social e o julgamento social das atitudes linguísticas.

Contraopondo a homogeneidade linguística, a separação entre *langue* e *parole* e a desconsideração aos fatores externos à língua postulados por Saussure e dando continuidade aos estudos de Bright (1966 *apud* LABOV, 2008), Labov passa a descrever a heterogeneidade linguística, fixando um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

Para Labov (2008, p. 13), é tão intrínseca a relação linguagem-sociedade que, na Introdução do livro Padrões Sociolinguísticos (*Sociolinguistic Patterns*), menciona que durante anos resistiu ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida, mas não social. O exame da importância dos fatores sociais no processo de mudança linguística sempre esteve no seio de seus estudos,

os quais visavam demonstrar que a língua é heterogênea, está condicionada a fatores extralinguísticos e está experimentando constantemente um processo de mudança.

Defende que há uma variação na *parole*, ou fala, que deve ser estudada e o componente social é fundamental para o seu entendimento. Determina, assim, a língua falada, observada, descrita e analisada em situações reais de uso como seu objeto de estudo. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas a respeito aos usos linguísticos.

É nesse ponto que nossa pesquisa se apoia em Labov. Embora não façamos uma análise estatística nos moldes da Sociolinguística Variacionista, a nossa pesquisa se apoia no pressuposto laboviano de que a análise linguística não pode acontecer desvincilhada do componente social.

1.1.1 Variação e mudança linguística

Para Milroy (1987, p. 19)

Em vez de postular o contínuo da sociolinguística com um vernáculo local na parte inferior e um dialeto de prestígio no topo, com o movimento linguístico de indivíduos em uma direção geralmente para cima, podemos ver o vernáculo como uma força positiva: ele pode estar em conflito direto com normas padronizadas e ser utilizado como um símbolo pelos falantes para transportar significados sociais poderosos e assim resistente a pressões externas² (tradução nossa).

Ao concentrar seus estudos na identificação dos processos de mudança linguística em desenvolvimento, comprovando a estreita ligação entre formas linguísticas e fatores sociais, Labov (2008) traz à tona a questão da relação íntima entre a língua e a sociedade para a Linguística, tendo-se em conta parâmetros de variação linguística como a geografia, a idade, a classe social dos falantes etc.

² *Instead of positing a sociolinguistic continuum with a local vernacular at the bottom and a prestige dialect at the top, with linguistic movement of individuals in a generally upward direction, we may view the vernacular as a positive force: it may be in direct conflict with standardized norms, utilized as a symbol by speakers to carry powerful social meanings and so resistant to external pressures.*

A Sociolinguística fixa-se, desse modo, como uma área da linguística que estuda a língua através de fatores externos, os quais caracterizarão a diversidade e a heterogeneidade linguística. Meyerhoff (2006, p. 296) descreve-a como:

O estudo da língua em uso, língua em sociedade, cujo campo é uma grande *tenda*: pode englobar trabalho feito em análise do discurso, estudos de interação, sociologia, antropologia, estudos culturais, feminismo, e também pode ser utilizado de modo muito mais restritivo para somente se referir a estudos variacionistas na tradição laboviana³ (Tradução nossa).

Essa descrição da autora revela uma das características da Sociolinguística, a interdisciplinaridade – foi exatamente devido a essa sua natureza interdisciplinar que houve alguns entraves em relação à conquista da sua verdadeira identidade como disciplina ou área do conhecimento. Por fundamentar-se também em princípios fornecidos por outras áreas do saber, a Sociolinguística recebeu colaboração das disciplinas Antropologia linguística, Sociologia da linguagem e Etnografia da comunicação, estas duas últimas inclusive confundidas com a Sociolinguística. No que se refere à Antropologia linguística, linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos tão inseparáveis que linguistas e antropólogos trabalham lado a lado, de modo integrado.

Língua e variação são inseparáveis: qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações, uma vez que nenhuma língua se apresenta como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades.

Para Labov (2008), toda a língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação para, em seguida, ocorrer a mudança. Como a mudança e variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra (CHAGAS, 2010, p. 149).

Segundo Coseriu (1977), em relação à mudança linguística há um delicado jogo de continuidade e de inovações: a língua nunca está pronta e é recriada a cada geração ou mesmo em cada situação de fala. Sendo recriada constantemente, está sujeita a alterações.

³ *Sociolinguistics is the study of language in use, language in society. The field of sociolinguistics is a big tent: it can encompass work done in discourse analysis, studies of interaction, sociology, anthropology,*

Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer.

Reyes (2009, p. 197) complementa esse raciocínio: "A mudança linguística é produzida por esse contínuo da língua, pela atividade linguística, como tão bem descreveu Coseriu, mas tem de se considerar a influência do mundo que a língua categoriza" (Tradução nossa).⁴

cultural studies, feminism etc. It can also be used much more restrictively to only refer to variationist studies in the Labovian tradition.

⁴ *El cambio lingüístico se produce por esse continuo hacerse de la lengua, por la misma actividad lingüística, como tan bien lo há sabido por Coseriu, pero hayque tener em cuenta la incidencia del mundo, que la lengua categoriza.*

1.1.1.1 Redes sociais e mudança linguística

A teoria das redes sociais teve um grande impacto na investigação de como as inovações propagam-se pela sociedade (MEYERHOFF, 2006). Embora tenha sido introduzida na Sociolinguística por meio da Sociologia, o uso sistemático das redes sociais como base para a análise da variação linguística está associada às pesquisas realizadas por James e Lesley Milroy's em Belfast, Irlanda do Norte, a partir de 1975.

Ao estudarem variantes do inglês em três bairros de classe trabalhadora, os autores consideraram, para a análise dos dados, as redes de relacionamento existentes entre os falantes. Perceberam, então, que em um dos grupos estudados, as mulheres apresentavam variáveis mais próximas do vernáculo do que os homens, o que foi explicado pelo fato dessas mulheres pertencerem a redes densas, em função de certas interações e da questão do trabalho. Descobriram, assim, que os padrões para a mudança linguística que eles observaram estavam correlacionados de modo muito informativo com a teia de relações que compõem as redes sociais.

A partir desse estudo, consideram-se que as redes sociais são pelo menos tão importantes quanto as categorias macrosociais como classe, para compreender como as mudanças ocorrem e se propagam pela (s) comunidade (s).

Milroy (1992, p. 84) assim define as redes sociais: "os indivíduos têm contratos sociais uns com os outros indivíduos e a rede social diz respeito aos indivíduos e suas

relações que podem ser ‘contratadas’ entre os mesmos e não baseadas primariamente em estruturas pre-definidas de um grupo”⁴ (Tradução nossa).

A partir desse conceito de redes sociais, o Milroy (1987) propõe o estudo da variação linguística baseado na análise de contatos informais de indivíduos que estão ligados entre si por redes de relacionamentos. A *densidade* e a *multiplexidade* dessas relações, segundo esse conceito, podem tornar essa comunidade mais ou menos receptiva aos padrões linguísticos normatizadores.

Entenda-se por redes densas e multipléxicas aquelas em que as várias atividades de interação verbal são desempenhadas pelas mesmas pessoas; quando, por exemplo, a rendeira é, ao mesmo tempo, cunhada, vizinha, colega de profissão e frequentadora dos mesmos locais de outra rendeira.

Nas comunidades urbanas, as redes sociais são menos densas, já que cada indivíduo só se relaciona com uma parcela reduzida do conjunto de indivíduos da comunidade e os indivíduos têm um papel definido nas relações, sendo, portanto, *uniplex*. Esse tipo de comunidade é mais receptiva à influência de padrões institucionais e de prestígio social. Já em comunidades mais fechadas e tradicionais, como em Raposa, as que existem na zona rural, a rede de relações sociais é mais densa e multiplexa, tornando essas comunidades menos receptivas à normalização linguística em processos de mudança de cima para baixo.

De acordo com Milroy (1987), as redes densas e multipléxicas das comunidades pequenas e tradicionais, onde todos se conhecem, funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada entre os falantes de uma comunidade linguística.

O tratamento dado por Milroy à mudança linguística a partir das relações sociais é de grande importância para nosso estudo, pois nos dará o devido suporte para observarmos em que medida as rendeiras interagem numa rede mais ou menos densa e em que sentido essa interação influencia no universo lexical por elas utilizado.

⁴ *Individuals have social contracts with other individuals, because social network is about individuals and the relationships that can be contracted between them, and not primarily based on pre-defined group structures.*

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. A constituição dos bancos de dados

Seguindo as diretrizes da Antropologia Linguística, observamos dados da língua falada coletados em entrevistas gravadas com as rendeiras do município de Raposa. A partir das transcrições desses dados, fizemos o levantamento daquelas lexias que, a nosso ver, melhor refletiam a cultura das rendeiras. Em seguida, fomos ao passado em busca dessas formas encontradas. Verificamos se essas lexias já foram dicionarizadas ou fizeram parte do acervo lexical da língua portuguesa nos séculos XVIII, XIX ou XX. Posteriormente, retornamos à contemporaneidade para realizar análise diacrônica.

Após a conclusão da coleta de dados, iniciamos as transcrições ortográficas, seguindo o que Andrade (1993, p. 21) aponta como o principal critério da transcrição: “a fidelidade ao discurso do informante, procurando-se registrar ortograficamente, da forma mais aproximada possível, as realizações de cada falante”.

Em seguida, pesquisamos em dicionários contemporâneos e em fontes lexicográficas do século XVIII e XIX a existência ou não da forma coletada para que, em caso de a lexia ser dicionarizada, observássemos seu registro, ao longo do tempo, em várias obras especializadas.

Para a sistematização dos dados coletados, elaboramos fichas lexicográficas de análise para cada lexia, das quais constam: o vocábulo selecionado para análise classificado gramaticalmente, segundo o contexto em que se encontrava inserido, uma amostra contextualizada da lexia em estudo e dados referentes a dicionarização ou não do vocábulo.

O passo seguinte foi a análise qualitativa e quantitativa dos dados, onde verificamos o número de lexias presentes em cada dicionário, sua classificação gramatical, a dicionarização ou não das mesmas, origem, os brasileirismos existentes, a forma e gênero, os pontos de interseção entre o universo das redes e rendas e os aspectos selecionados para serem abordados nesse trabalho: a questão da variação e mudança linguísticas, a variação da lexia bilro e a comparação entre o léxico das rendeiras de diferentes grupos etários.

2.2. Delimitação do *corpus*

O *corpus* foi constituído da seguinte forma:

Locais da pesquisa: residências das rendeiras e Associação das Rendeiras de Raposa.

Sujeitos da pesquisa: quanto à escolha dos sujeitos da pesquisa, seguimos algumas das diretrizes adotadas por Seabra (2004), Souza (2008) e Costa (2012), os quais seguiram as normas do Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais⁵, segundo as quais o entrevistado deve:

- a) ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município;
- b) ter baixa ou nenhuma escolaridade.

Apenas no que se refere à faixa etária adotamos um critério diferente, optando por quatro grupos etários:

15 a 21 anos	3 pessoas
34 a 40 anos	4 pessoas
40 a 60 anos	4 pessoas
68 a 80 anos	4 pessoas

Optamos por essa divisão porque o registro da fala das diferentes gerações de uma comunidade pode revelar as formas linguísticas mais conservadoras e as inovadoras e, por extensão, fornecer possíveis indicadores de estabilidade ou mudança sociais.

Além disso, segundo informações da Associação das Rendeiras de Raposa, ainda há um número razoável de rendeiras de 65 a 85 anos que participam ativamente da atividade de “fazer renda”; por esse motivo, tanto podem fornecer informações sobre o léxico referente à renda, quanto podem prestar informações sobre costumes, habitação, alimentação, organização social etc., por serem experientes.

Acreditamos, ainda, que estas conservam um vocabulário pouco influenciado pelos meios de comunicação, podendo revelar um léxico mais próximo do vernacular e apontar possíveis retenções lexicais, além de conhecer as tradições culturais do seu povo.

Devido à natureza da pesquisa, que exigiu muitas horas de gravação com uma única pessoa, optamos por selecionar apenas quinze sujeitos para a sua realização.

⁵ Projeto da FALE/UFMG, com apoio da FAPEMIG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

O *corpus* da pesquisa foi composto de textos orais (entrevistas com os informantes) e escritos (transcrições dos textos orais e fichas lexicográficas).

2.2.1 A coleta de dados

A dificuldade em se coletarem dados numa pesquisa etno-sociolinguística já foi amplamente discutida na literatura. Mollica (1989) e Tarallo (1995), foram apenas alguns dentre os muitos linguistas a tornarem públicas suas inquietações a esse respeito.

Denominado por Tarallo (1995) de “paradoxo do observador”, o cerne do problema consiste na necessidade de o pesquisador coletar amostras da língua falada em situações naturais de comunicação mas, para isso, precisar registrá-las por meio de um gravador, o que inibe o falante e pode perturbar a naturalidade do evento.

Como possíveis soluções para esta questão, Tarallo (1995, p. 21) sugere alguns procedimentos a serem adotados pelo pesquisador, como

[...] tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em suas peculiaridades. Seu objetivo será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade de falantes e sobre os informantes que a compõem.

Tarallo ainda propõe que o pesquisador evite um comportamento social e linguístico que intimide a comunidade em estudo e que tente desviar a atenção do entrevistado para a formalidade da situação.

Seguindo essa orientação, antes de iniciarmos as gravações, observamos a comunidade de falantes, participamos de conversas com grupos de rendeiras, interagindo com elas em suas residências, enquanto faziam suas rendas e também apresentamos a pesquisa, para que elas se percebessem protagonistas do trabalho e soubessem a pesquisa que pretende dar um retorno à comunidade. Com isso, tanto nos familiarizamos com todas as entrevistadas quanto elas conosco, ficando inteiramente à vontade nas entrevistas.

As entrevistas, principal instrumento a ser utilizado para a coleta de dados, foram semiestruturadas (MOREIRA, 2012), ou seja, as conversas ocorriam em clima informal, orientadas por um roteiro previamente elaborado. Num primeiro momento, conversamos sobre a origem de Raposa, a chegada dos pescadores que fundaram o município, as

mudanças ocorridas com o decorrer do tempo, aspectos da alimentação, habitação, organização social, costumes, crenças; para, num segundo momento, tratarmos da renda propriamente dita, não apenas no que diz respeito ao seu funcionamento, como também buscando perceber os sentimentos da rendeira em relação à sua profissão.

2.2.2. As transcrições

Para a realização das transcrições das entrevistas, seguiremos as regras utilizadas pela equipe do Projeto Filologia Bandeirante e, também pela equipe do Projeto Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais⁶, modelo adotado por Seabra (2004), Souza (2008) e Ribeiro (2010), dentre outros. Não se trata de uma transcrição fonética, já que eram vários os interesses da equipe na época (léxico, sintaxe, morfologia etc).

As normas estabelecidas são:

Orientações gerais:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000);
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma imagem do texto elaborado no plano da oralidade (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000).

1 – Nem tudo será registrado:

- a) o alçamento das postônicas não será registrado *grandi*
= grande

(A ideia é: o que é categórico, não marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2 – Serão registrados:

- a) alteamento/abaixamento das pretônicas *premero*
= primeiro; *deiscê* - descer

- b) a redução dos ditongos [ow], [ey], [ay] será grafada ortograficamente como

pronunciada:

⁶ Projeto da FALE/UFMG, com apoio da FAPEMIG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

rendera = rendeira c)

ausência do -r:

No final dos nomes: *pescadô* = pescador no final dos

verbos: *dsimendá* = desemendar; *tecê* = tecer d) ausência

do -m final, desnasalização:

visage = visagem

e) prótese: as próteses serão marcadas, ortograficamente, como pronunciadas:

amiorá = melhorar

f) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com apóstrofo.

tecidin' = tecidoinho

h) iotização, grafando com i:

fia = filha

i) aglutinação, com apóstrofo:

que'ru ~ que eram

j) casos de uma, alguma, nenhuma etc., serão marcados com til:

ũa ~ uma;

l) variação fonética do —sl será grafada como efetivamente realizada:

mermo ~ mesmo

3 – Indicações de:

Pausa: reticências [...]; Inaudível ou hipótese do que foi ouvido: ();

Comentários:(()); Sobreposição de fala: {}; Discurso direto: “ ”; Ênfase: maiúsculas;

Truncamento: /

3. A VARIAÇÃO DA LEXIA BILRO NA LINGUAGEM DAS RENDEIRAS DO MUNICÍPIO DE RAPOSA, MARANHÃO

3.1 A questão da variação e mudança linguística

3.1.1 Variação das lexias

Retomando o que foi discutido no item 1, por ser a língua um sistema dinâmico, a variação e a mudança linguística são inerentes a ela, ou seja, a estrutura da língua se altera no tempo continuamente, e nós somos peças importantes nessa evolução linguística, pelo fato de sermos falantes e utilizarmos a língua constantemente. Ao estudarmos as 100 lexias dicionarizadas, observamos que somente as lexias aplicação (*aplicação* → aplicação),

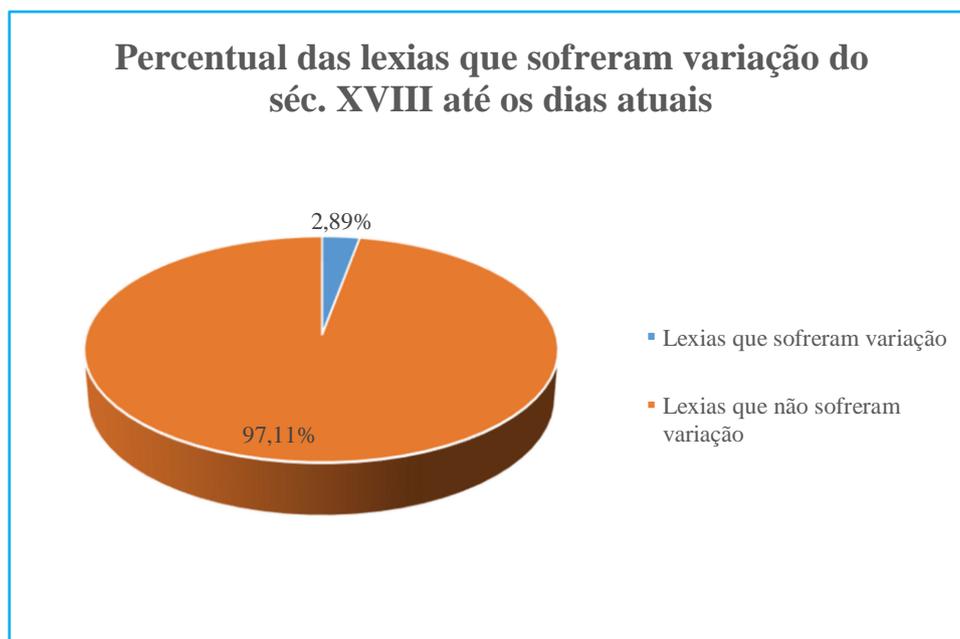
goma (*gomma* → goma), lobisomem (*lobishómem* → lobisomem), miudinho (*miu'do* → miúdo), tábua (*ta'boa* → táboa → tábua), e verdoso

(*verdòzo* → verdoso) tiveram sua forma um pouco mais alterada, do século XVIII até os dias atuais.

Averiguamos que a grande maioria conserva a mesma forma e o mesmo significado, desde a sua primeira dicionarização até hoje, apresentando, apenas, variações ortográficas e fonéticas, como em *algodam*, *burití*, *enrançar*, *enxerido*, *mandacaru*, *mochó*, *traçado* e *verdòzo*. Essa manutenção se justifica pela similaridade do modo de vida, da cultura, dos hábitos e dos costumes das pessoas que moram em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é a *Raposa*.

Há muitas rendeiras do município de Raposa que são parentes, vizinhas, frequentam a mesma Associação de Rendeiras, a mesma igreja, moram no mesmo bairro, seus maridos têm a mesma profissão, são pescadores. Essas redes densas (MILROY, 1987) reforçam a norma compartilhada entre as rendeiras, colaborando para que o léxico se perpetue e passe às gerações seguintes de falantes, às vezes, apenas com pequenas alterações. Os resultados apresentados permitem propor que os laços fortes entre os falantes dessa comunidade tendem a manter a norma partilhada entre eles. Em princípio, as lexias que sofreram variação somam 2,89%, enquanto as que não sofreram totalizam 97,11%, como podemos observar no Gráfico 12 (Costa, 2016).

Gráfico 12 – Lexias que sofreram e não sofreram mudanças do século XVIII até os dias atuais



3.2 A variação da lexia bilro na linguagem das rendeiras

Labov (2008) foi o responsável por incorporar o componente social na análise linguística. A partir dos estudos labovianos, a heterogeneidade e a variação passaram a ser vistas como inerentes às línguas. E é na coleta de dados numa comunidade de fala que a heterogeneidade fica mais evidente.

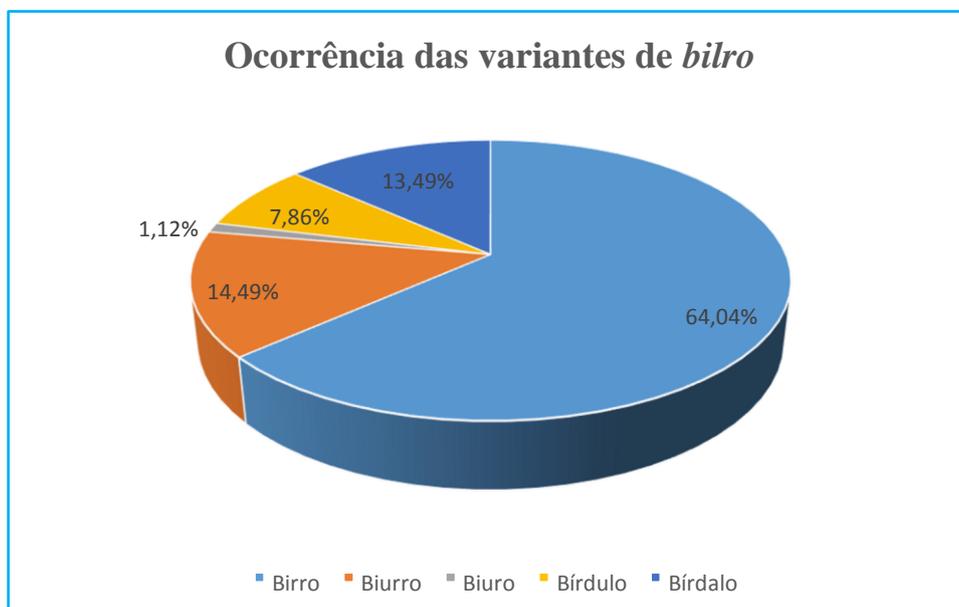
Em nossa pesquisa, entrevistamos apenas rendeiras, mas, a despeito de todas terem a mesma profissão, cada uma tem uma história de vida diferente que se reflete em seu léxico. A par disso, como entrevistamos rendeiras de quatro grupos etários, as variações em nível lexical, nosso objeto de estudo, podem se comportar de forma diferente, de acordo com a idade da rendeira, sua experiência de vida, seu tempo de convívio com o universo da renda etc.

No que se refere à essa heterogeneidade, um dado chamou nossa atenção quando da transcrição das entrevistas: a variação da lexia *bilro*. Ao longo das quinze entrevistas, ocorreram as variantes *birro*, *biurro*, *biuro*, *bírdulo* e *bírdalo*. Em suas falas, algumas rendeiras exaltaram que a variante *birro* era a utilizada em Acaraú, e que, quando chegaram no Maranhão, indo morar em Raposa, as maranhenses que começaram a trabalhar com a renda de bilro hostilizavam essa variante, em detrimento à *biuro* ou *biurro*. A entrevista 1 foi uma das quais essa questão foi relatada, como podemos observar no seguinte trecho:

PESQUISADORA: ham... e o que o nome que a gente chama assim renda de biuro? É o nome que vem de lá também né? *INFORMANTE 1*: agora é uma história... o negocio do biurro/*PESQUISADORA*: é isso que eu queria saber...*INFORMANTE 1*: eu não vou lhe afirmá porque lá no Acarú nós chamava BIRRO...*PESQUISADORA*: birdo? *INFORMANTE 1*: BIRRO nós chamava birro aonde aqui sirviu de inguinorança... era... inguinorá... inguinorado... eu quero que esse nome BIRRO seja uma coisa feia... *PESQUISADORA*: Ah... e que era o nome original... *INFORMANTE 1*: pois esse era o NOSSO nome... *PESQUISADORA*: o nome certo que era de vocês... *INFORMANTE 1*: agora eles que tão /*PESQUISADORA*: inventando esse outro nome... *INFORMANTE 1*: agora birro ninguém pode chamá assim que nós... mas agora eu nunca temi pra chamá de outro jeito eu chamo é birro que foi assim que eu aprendi /*PESQUISADORA*: e aqui o pessoal chama biuro? *INFORMANTE 1*: Biuro...biurro... mas que é do Maranhão... que no Maranhão é diferente do Ciará! *PESQUISADORA*: ah... entendi. Então qué dizê que tudo que tem de renda aqui foi trazido da cultura de lá? Foi da cultura de lá... (Ent. 1, linhas 148 a 166).

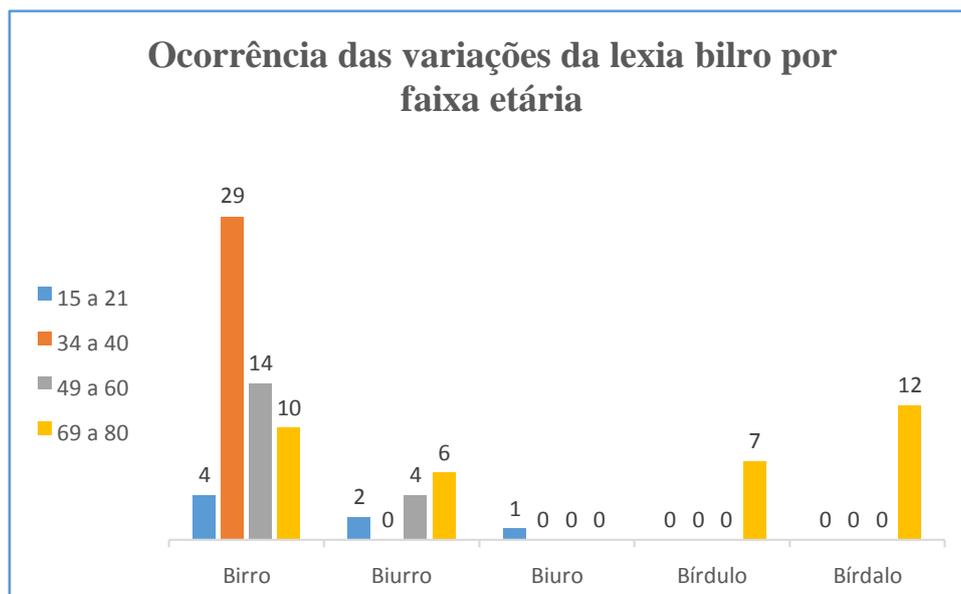
Entendemos ser importante averiguar em que grupo etário as variantes ocorrem, buscando observar em qual desses cada uma ocorre mais, as razões para ocorrerem em um determinado grupo, e, ainda, se seu uso está associado à origem da rendeira. Para isso, verificamos primeiramente, o número de ocorrências de cada variante de *bilro*, como mostra o Gráfico 13 (Costa, 2016).

Gráfico 13 – Ocorrência das variantes de *bilro*



Observamos que há uma predominância absoluta da variante *birro*, com 64,04%, seguida de *biurro*, com 14,49% das ocorrências, *bírdalo*, com 13,49%, *bírdulo* e *biuro*, com 7,86% e 1,12%, respectivamente. Sendo *birro* a variante relatada pelas rendeiras como a utilizada em Acaraú, uma afirmação que já se pode fazer com base nesses dados é que a variante não foi abandonada em detrimento das de prestígio no Maranhão, pelo contrário, tendo em vista ser a mais empregada nas entrevistas. Como o nosso objetivo é verificar como se dá esse uso por grupo etário, apresentamos, a seguir, o Gráfico 14 com a ocorrência das variantes de bilro por grupo etário:

Gráfico 14 - Ocorrência das variantes de *bilro* por faixa etária



O Gráfico 14 nos mostra que a variante *birro* não é somente a mais utilizada, como ocorre em todas os grupos etários, principalmente entre as rendeiras de 34 e 40 anos. A menor ocorrência é entre as rendeiras mais jovens, entre 15 e 21 anos.

A variante *biuro*, apontada (juntamente com *biurro*) pelas entrevistadas como a de prestígio pelas rendeiras maranhenses, ocorre somente uma vez, numa entrevista com uma rendeira do grupo etário de 15 a 21 anos. *Biurro* ocorre em um número maior que *biuro*, 2 vezes nos grupos etários de 15 a 21 anos, 4 vezes nas falas das rendeiras entre 49 e 60 anos e seis vezes no grupo etário de 68 a 80, mas, somadas todas as ocorrências de *biuro* e *biurro*, temos um número bem menor que as de *birro*, somente 12 ocorrências de *biuro* e *biurro* no total, enquanto *birro* ocorre 53 vezes.

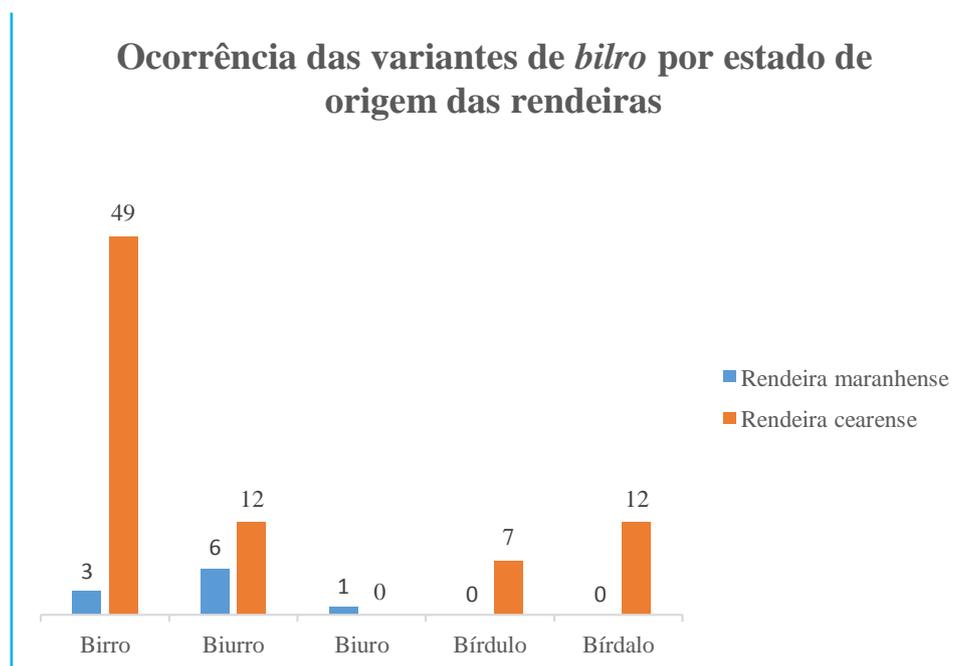
As variantes *bírdulo* e *bírdulo* ocorrem 7 vezes a primeira e 12 vezes a segunda, mas somente no grupo etário de 68 a 80 anos. Considerando que nem todas as entrevistadas são naturais de Acaraú, combinamos as variantes de *bilro* com a naturalidade das rendeiras, buscando verificar se a sua naturalidade interfere nas variantes de *bilro* utilizadas. As naturalidades das rendeiras assim se distribuem (Quadro 1).

Quadro 1 – Estado de origem das rendeiras entrevistadas

Rendeiras entrevistadas	Estado de origem
Entrevista 1	Cearense
Entrevista 2	Cearense
Entrevista 3	Cearense
Entrevista 4	Maranhense
Entrevista 5	Cearense
Entrevista 6	Cearense
Entrevista 7	Cearense
Entrevista 8	Cearense
Entrevista 9	Maranhense
Entrevista 10	Cearense
Entrevista 11	Cearense
Entrevista 12	Cearense
Entrevista 13	Cearense
Entrevista 14	Cearense
Entrevista 15	Cearense

Visualizando as variantes de acordo com o estado de origem das rendeiras, temos no Gráfico 15 (Costa, 2016):

Gráfico 15 - Ocorrência das variantes de *bilro* por estado de origem das rendeiras



Analisando o perfil das quatro rendeiras maranhenses, temos três com idade entre 15 e 21 anos e uma de 60 anos. Dentre as mais jovens, duas são de família maranhense e começaram a fazer renda uma delas porque começou a trabalhar numa *venda de renda* e percebeu que, aprendendo, poderia ter uma renda extra, e outra, por *hobby*.

Estas, em suas falas, empregaram somente as variantes *biuro* e *biurro*, apontadas como as de prestígio no Maranhão. Já a outra rendeira desse grupo etário emprega em sua fala somente a variante *birro*, o que poderia se justificar pelo fato de ter aprendido a arte de fazer renda com sua avó e sua mãe, cearenses, e faezy renda desde os cinco anos de idade. Como vemos, são três rendeiras maranhenses, mas duas não têm cearenses na família, começaram a praticar o ofício da renda na adolescência, enquanto a que emprega a variante utilizada no Ceará em sua fala vivencia o universo da renda desde criança, sendo esta vivência com rendeiras cearenses.

Quanto à rendeira maranhense de 60 anos, na sua fala, só emprega a variante *biurro*. Uma justificativa seria exatamente a apontada nas entrevistas de as rendeiras, de que a variante *birro* não é bem aceita pelas rendeiras locais.

Quanto às cearenses, temos um número significativo do uso da variante *birro*, 49 vezes, enquanto *biurro* ocorre 12 vezes e *biuro*, nenhuma vez. Chama a atenção todas essas ocorrências de *biurro* se situarem no grupo etário de 68 a 80 anos. Em suas falas, as rendeiras de maior idade mesclam as variantes *bírdulo*, *bírdalo* e *biurro*. Interessante que *bírdulo* e *bírdalo* somente ocorrem nesse grupo etário, de onde concluímos que pode se tratar de uma variante que era utilizada em Acaraú e, com o passar do tempo, entrou em desuso pelas rendeiras mais jovens.

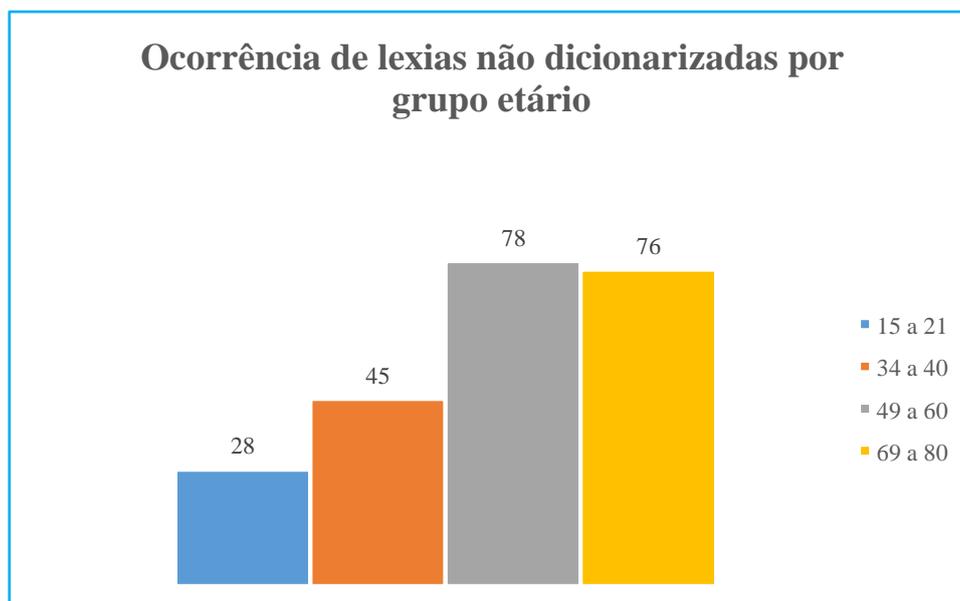
Esses dados são importantes por mostrar que uma variante que as rendeiras declararam em suas entrevistas ser a utilizada em Acaraú, mas não ter prestígio entre as rendeiras maranhenses, figura com a mais empregada, em todos os grupos etários. Isso nos revela que, seguir chamando a sua arte de *birro*, a variante de prestígio em Acaraú, como faziam como crianças, quando a aprenderam, é uma forma das rendeiras reforçarem a sua identidade.

Ao mesmo tempo, o fato de as rendeiras de mais idade alternarem o uso de *birro*, *bírdulo*, *bírdalo* com *biurro*, a variante de prestígio no Maranhão, pode significar ou que sua fala já tenha interferência da maranhense, e isso se revele em seu léxico, ou que, por estarem, nas entrevistas, interagindo com uma pesquisadora maranhense, tenham utilizado em alguns momentos a variante que sabem ser de prestígio no local.

2.3 O léxico das rendeiras de diferentes grupos etários

A fim de investigarmos se há e quais são as diferenças em nível lexical entre o léxico das rendeiras de maior idade e o das mais jovens, dividimos o nosso *corpus*, como já explicitado nos procedimentos metodológicos, em quatro grupos etários, sistematizamos a ocorrência das lexias não dicionarizadas por entrevista, para, em seguida, verificarmos por grupo etário. O Gráfico 16 (Costa, 2016) demonstra esses dados:

Gráfico 16 - Média de lexias não dicionarizadas por grupo etário



Considerando que no grupo etário 15 a 21 anos há três entrevistas, enquanto nos demais há quatro, é necessário que façamos uma média da ocorrência das 107 lexias não dicionarizadas por grupo etário. Temos, dessa forma, 27,10% de ocorrências no grupo etário 15 a 21 anos; 42,99% de ocorrências no grupo 34 a 40 anos; 77,57% de ocorrências no grupo etário 49 a 60 anos e 74,76% no grupo 68 a 80 anos.

Como o Gráfico 16 demonstra, há uma maior ocorrência de lexias não dicionarizadas nos grupos etários 49 a 60 anos e 68 a 80 anos, quase o dobro da ocorrência nos dois grupos etários mais jovens. Esses dados vão ao encontro da hipótese por nós levantada, de que haveria diferenças significativas entre a linguagem das rendeiras mais jovens e as de maior faixa etária. Atestamos que as rendeiras de maior idade, tanto pela maior experiência, quanto por sofrerem menor influência dos meios de comunicação, têm um universo lexical mais rico que as mais jovens.

Ao fazermos um recorte e verificarmos como se comporta, em cada grupo etário, a ocorrência somente das lexias não dicionarizadas que tenham relação com o universo da renda, observamos que os dados vão ao encontro da análise anterior. Nos grupos etários de 49 a 60 anos e de 70 a 80, temos a ocorrência de uma média de 80,5% e 75,6% de lexias, respectivamente, enquanto que nos grupos etários 15 a 21 e 34 a 40, temos a ocorrência de uma média de 35,36% e 44% das lexias não dicionarizadas relacionadas à renda.

Essa diferença pode se justificar pelo fato já mencionado de as rendeiras mais velhas serem mais experientes, terem menor influência dos meios de comunicação, mas também devido ao crescente desinteresse das rendeiras mais jovens pela profissão.

Uma das causas desse desinteresse é a organização da atividade de renda no local. O formato de organização associativista entre as rendeiras tem sido uma luta constante, haja vista que a maior atividade de produção de bilro ocorre de forma isolada. Cada artesã produz seus produtos em suas casas e comercializa nas próprias residências, ao longo do corredor da renda. Somado a isso, algumas rendeiras trazem peças de renda do Ceará e vendem a preço mais baixo, competindo com a renda local, e, conseqüentemente, com isso, as novas gerações vêm desvalorizando o ofício, sobretudo as rendeiras mais jovens, que preferem outras atividades mais rentáveis.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE

Sistematizando os principais resultados da análise realizada, temos os seguintes dados:

Averiguamos que maioria das lexias conserva a mesma forma e o mesmo significado, desde a sua primeira dicionarização até hoje, apresentando, apenas, variações ortográficas e fonéticas, como em *algodam*, *burití*, *entrançar*, *enxerido*, *mandacaru*, *mochó*, *traçado* e *verdôzo*. Essa manutenção se justifica pela similaridade do modo de vida, da cultura, dos hábitos e dos costumes das pessoas que moram em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é a *Raposa*.

No que se refere à essa heterogeneidade, um dado chamou nossa atenção quando da transcrição das entrevistas: a variação da lexia *bilro*. Ao longo das quinze entrevistas, ocorreram as variantes *birro*, *biurro*, *biuro*, *bírdulo* e *bírdalo*.

Os dados nos mostraram que *birro*, uma variante que as rendeiras declararam em suas entrevistas ser a utilizada em Acaraú, mas não ter prestígio entre as rendeiras maranhenses, figura com a mais empregada, em todos os grupos etários. Isso nos revela que, seguir chamando a sua arte de *birro*, como faziam quando a aprenderam, na infância, é uma forma das rendeiras reforçarem a sua identidade.

Ao mesmo tempo, o fato de as rendeiras de mais idade alternarem o uso de *birro*, *bírdulo*, *bírdalo* com *biurro*, a variante de prestígio no Maranhão, pode significar ou que sua fala já tenha interferência da maranhense, e isso se revele em seu léxico, ou que, por

estarem, nas entrevistas, interagindo com uma pesquisadora maranhense, tenham utilizado em alguns momentos a variante que sabem ser de prestígio no local.

Ao fazermos um recorte e verificarmos como se comporta, em cada grupo etário, a ocorrência somente das lexias não dicionarizadas que tenham relação com o universo da renda, observamos que os dados vão ao encontro de nossa hipótese de que as rendeiras de maior idade teriam um universo lexical mais rico que as mais jovens, no que diz respeito ao vocabulário da renda. Nos grupos etários de 49 a 60 anos e de 70 a 80, temos, respectivamente, a ocorrência de uma média de 80,5% e 75,6% de lexias não dicionarizadas, enquanto nos grupos etários de 15 a 21 anos e de 34 a 40, temos a ocorrência de uma média de 35,36% e 44% das lexias não dicionarizadas relacionadas à renda.

Justificamos essa diferença pela experiência das rendeiras mais velhas, pelo fato delas sofrerem uma influência bem menor dos meios de comunicação do que as rendeiras de menor idade, além da crescente falta de interesse das mais jovens pela profissão, o que faz com que o seu vocabulário de lexias do universo da renda seja muito mais reduzido que o das rendeiras de maior idade, principalmente aquelas dos grupos etários acima de 40 anos.

As variantes de *bilro* ajudam a contar a história das rendeiras de Raposa, de sua infância em Acaraú, sua chegada no Maranhão, seu convívio com as maranhenses que com elas aprenderam a arte da renda e nos fazem captar mais um pouco desse rico universo cultural e lexical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. A. *Linguagem e cultura dos pescadores de Iguape*. 1993. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Ed. Parábola, 2002.
- COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: Presença/USP, 1982.
- COSERIU, E. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.
- COSTA, R.P.C. *Um estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*. 2012. Tese (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

COSTA, R.P.C. *RENDAS, REDES E LENDAS: o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

COSTA, R. P. C; SEABRA, M. C. T. C. *As palavras sob um viés cultural: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa, Maranhão*. São Luís: EDUEMA, 2015.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2006.

MILROY, J. *Linguistic Variation and Change: On the historical sociolinguistics of English*. GB: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, L. *Language and Social networks*. 2. ed. Oxford: Backwell, 1987.

MOLLICA, M.C. (Org.). *Introdução a Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1989.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2012.

REYS, M. J. *Léxico y cultura*. Badajoz: Abecedário, 2009.

SAUSSURE, F. [1916]. *Curso de linguística geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SEABRA, M. C. T. C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SOUZA, V.L. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.